

Transformado limão em limonada

MENDES RIBEIRO

Elias Murad, médico, constituinte por Minas Gerais, aconselha os seus colegas, distribuindo, no plenário, circular.

Outros parlamentares, médicos de igual sorte, têm demonstrado preocupações semelhantes, chamando a atenção de fatores altamente perigosos construindo o contexto da Assembleia Nacional Constituinte.

Alinham:

I — Períodos de trabalho contínuos de oito até dez ou doze horas. (O interessante é que pensam retirar, o segundo turno, o máximo de seis horas em jornada única).

II — Tensão permanente. Absolutamente normal e previsível a partir do momento em que cada um de nós — e todos — pleiteamos voto para fazer a Lei Maior.

Ninguém, ao candidatar-se, poderia ignorar a massa de pressões, interesses em conflito, jogos políticos e estrelismos em choque, insitos ao conjunto de homens apontados para a história. Ou será possível, com responsabilidade e trabalho, legislar para os 140 milhões de hoje e, sabe-se lá quantos seremos se, como desejamos, a Constituição for duradoura? (O paradoxo é reger o convívio, capital e trabalho, esquecendo que não há tensão maior do que ter fome, saber os filhos com fome, sentir o nada no futuro porque o Brasil tem 70 por cento de sua gente carenciada e se discutem migalhas como dez dias de férias remuneradas ou horas extras pagas diferenciadamente).

III — Necessidade de comer com regularidade (7, 13 e 19 horas), frugalmente.

Está certo, é claro.

E, embora o regime seja exaustivo, nenhum de nós tem ou teria dificuldade para observar o prescrito. Salvo para conter exageros.

O Zé, pobre Zé, vive de marmitta — quando vive — e se equilibra na sobra do que nos sobra. E o nós, aqui, se entenda como todos quanto se situam em camada restritíssima da população.

Entre o cuidar para não comer demais, podendo comer bem, sempre, e a angústia do não ter alimento,

presumo, a última mata mais. Ou me engano? (E bom, no segundo turno, a maioria pensar nisso ou não?)

IV — Beber pouco, ou não beber.

Como se percebe, é opção de prazer. O Zé, se sabe, dá o melhor da verdadeira história quando busca a caninha para esquecer seus piás de barriga vazia. (Bom lembrete, ótimo aviso quando passam aumentos, dispara a inflação e gente ainda titubeando, em fixar teto para os ganhos e mandar todos pagarem Imposto de Renda. Falei da renda, nunca do salário ou provento).

V — Ter atividade física regular. A única desvantagem sobre o Zé. Ele tem demais. Os parlamentares, fncados no sedentarismo, têm pouquíssimas alternativas para seguir o conselho médico. (Agora, ainda há um aviso. Aos que não são hígidos, os exercícios podem não ser recomendáveis. O Zé, antes de saber se está mesmo doente, morre nas filas do INAMPS).

VI — Dormir de 7 a 8 horas por dia.

Aqui, o Zé não tem a menor chance. Claro, nós também não. Mas, por enquanto. O Zé, sempre. Sair da vila, enfrentar a fila ainda madrugada e, noite alta, voltar à maloca, não é terapia. É veneno, por vezes lento, porque Deus continua a dar forças conforme a cruz de cada um.

Esta certo, Murad.

Estão certos, os colegas.

Aqui, onde estamos por opção, por busca, pela honra disputada nas urnas, recebemos notícias diárias de mortes, internações, intervenções cirúrgicas de emergência e ausência sucessivas de cada vez maior número.

Tudo na vida, porém, tem um ensinamento divino. É vital se projetar em quem não tem opção, salvo a de confiar em nós, para um futuro menos injusto. Nós corremos riscos, é verdade. Porém, de forma alguma, somos mais sacrificados do que os Zés, graças aos quais, recebemos o privilégio de redemocratizarmos esta terra!

Ah! Em tempo:

a) Ulysses passa, imóvel, doze horas.

b) Não falta a almoços e jantares.

c) Não faz "cooper" (mas caminha todas as manhãs).

d) Embora não fume, fuma indiretamente, no plenário enfumaçado.

e) Não dispensa o "poire". É caninha.

f) E às 6 da manhã, tendo deitado depois das 23, já telefona para deputados!

g) E tem setenta anos. Bem vividos!